

## COM QUANTAS LITERATURAS SE FAZ UMA LÍNGUA? CONSIDERAÇÕES SOBRE O EIXO ARTÍSTICO DO MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

*Raul da Rocha Cichetto<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo pretende observar as escolhas e usos dos textos e autores das literaturas em língua portuguesa no espaço expositivo do Museu da Língua Portuguesa. Elege-se como condutor dessa análise não somente os textos registrados no chamado acervo do Museu, mas também atividades programadas pelo Setor Educativo da Instituição no fim do ano de 2013. Pretende-se com o trabalho ampliar a discussão sobre o Museu da Língua Portuguesa e ainda contribuir para o preenchimento de lacunas presentes nos estudos sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Museus. Educação em museus.

**ABSTRACT:** *This article aims to observe the choices and uses of texts and authors of literature in Portuguese language in the exhibition space of the Museum of the Portuguese Language. As a leading of this analysis not only the texts recorded the so-called collection of the Museum, but also activities planned by the institution's Educational Sector at the end of 2013 were chosen. The aim of the present work is to broaden the discussion about the Museum of the Portuguese Language and also to contribute to fill gaps in the present studies on the subject.*

**KEYWORDS:** *Literature, Museum of Portuguese language, Education.*

O presente trabalho emerge da insuficiência de artigos que lancem luz sobre aspectos do acervo do Museu da Língua Portuguesa (MLP), principalmente no que concerne o recorte literário dentro da instituição e suas relações com trabalhos do setor educativo no tocante à literatura. A discussão aqui orbita nos espaços onde aconteciam o chamado eixo artístico do museu e seus discursos.

Com quantas literaturas se faz uma língua<sup>2</sup>? A pergunta que aqui dá início a tudo invoca outras tantas mais. A questão é utilizada a fim de considerarmos um museu que se pretendia vanguarda em uma nova forma de exposição de um objeto imaterial e as tentativas de expansão de seu acervo em projetos e atividades temáticas do Núcleo Educativo. Feito esse recorte, entendemos que a ação de educador e curador podem conter características comuns. Para Barbosa (1989), ambos podem ter como

---

<sup>1</sup> É educador com graduação em Letras Português/Inglês pela Uniesp (2010) e especialização em Literatura Brasileira pelo Centro Universitário Barão de Mauá (2015). Foi educador e pesquisador do Museu da Língua Portuguesa de 2010 até 2016 e possui cursos de extensão universitária em várias áreas, a saber, Sociolinguística (Estácio, 2014) e História da Arte (PUC, 2011). Atualmente, é educador da Casa das Rosas - Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura.

<sup>2</sup> A pergunta que dá nome a este artigo também nomeou uma série de visitas e de intervenções propostas por educadores do Museu nos anos de 2013, 2014 e 2015. Nas atividades, objetivava-se apresentar autores indígenas e africanos de língua portuguesa, apresentando outras discussões e autores não presentes e não contempladas pela curadoria da Instituição.

característica tornar a exposição acessível através de uma boa organização estética. Nestas organizações há discursos, portanto, o que dizem as vozes tanto de educadores quanto de curadores<sup>3</sup> do MLP? Quais os discursos possíveis em uma instituição que musealizou a literatura e que possuiu educadores que pensaram atividades e instalações? A busca em torno destas questões está circunscrita à exposição permanente do museu face à primeira edição da intervenção nascida por ocasião do Mês da Consciência Negra de 2013.

O percurso aqui se inicia com algumas linhas gerais sobre a questão do recorte museológico numa perspectiva de análise de discurso com Fiorin (2007) e Bakhtin (2009), passa pela formação da instituição MLP, seu recorte literário e por fim, ele em relação a atividade que o expandiu.

Para tanto, como principais referenciais teóricos, temos Bosi (2002, 2005) face às considerações e pesquisas nos campos da história e museologia, com Meneses (2010) e Taddei (2011), educação em museus (BARBOSA, 1989, 2009) e literatura, com Souza (1995) e Santiago (1978).

## **Das escolhas**

O MLP trabalhava<sup>4</sup> com recortes assim como todo e qualquer museu. Os recortes nada mais são do que as escolhas do que deve ou não fazer parte das exposições. Um museu é um signo ideológico<sup>5</sup>, e como não poderia deixar de ser, as escolhas de dentro dele também não estão isentas de ideologia. Os curadores, atores responsáveis pelos recortes, são também enunciadores - logo, de acordo com Fiorin (2007) - não estarão livres de coerções sociais. Ou seja, em grande medida pensarão e enunciarão o que a realidade impõe que eles pensem e enunciem, já que não há meio para que exista individualidade absoluta no discurso.

Todo signo é passível de mobilidade e de transformação e vai mudar de acordo com as conjunturas da sociedade onde existe. Na Grécia antiga, por exemplo, a palavra museu guardava o sentido de “templo das musas, as filhas da memória”. A palavra carrega ainda a raiz Indo-Europeia *men-*, “pensar, lembrar-se”, a mesma presente em palavras como mente. No latim, ela ganha também a acepção de “lugar de estudo”.

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que a curadoria do MLP foi assinada por uma equipe interdisciplinar. Não há um curador centralizador.

<sup>4</sup> O Museu teve grande parte de suas instalações consumidas por um incêndio ocorrido em 21/12/2015.

<sup>5</sup> Para Bakhtin(2009), o signo é ideologia e está estabilizado no grupo social onde se insere.

Cabe salientar que a etimologia aqui é ferramenta auxiliar na investigação, pois é sabido que ela por si só é insuficiente no momento de elucidar problemas que envolvem determinadas conceituações. Dada esta consideração, seguimos com mais referências que importam à discussão.

Para Meneses (2010) o ato de colecionar data da antiguidade, mas os museus modernos remontam o século XVIII. Nasceram, portanto, para impulsionar e para legitimar os discursos dos estados nacionais e ainda carregando o peso de palavras como “memória” e “lembrar”, dois termos até hoje no bojo do signo ideológico que recebe o nome de museu. Ainda no conceito de museu jaz também a acepção latina da palavra, o que nos leva tanto a Barbosa (2009) quanto a Meneses (2010), a primeira afirmando que tudo em um museu comunica e é educação, até a escolha de como dispor determinado objeto, e o segundo, sentenciando que não há espaço melhor para se formular perguntas do que a instituição museológica.

Dadas as explanações demandadas pela discussão aqui posta, emerge agora a necessidade de uma apresentação do espaço do MLP e posteriormente, a reflexão acerca de seus discursos através do que considerou digno de memorar. Para tanto, serão considerados os referenciais deste capítulo num diálogo com outros autores e também com textos institucionais.

### **MLP: outras palavras**

O MLP foi Inaugurado em 2006 na Estação da Luz em São Paulo<sup>6</sup>. Todavia, segundo diz em entrevista o escritor do argumento geral da instituição Risério (2011), as discussões sobre um espaço que celebrasse a cultura brasileira através da palavra tem início nas comemorações dos 500 anos do Brasil. Assim sendo, mesmo se intitulado como um discurso modernizador e modernizante no que se refere a usos e sentidos de uma instituição museológica, o MLP ainda preservou o discurso dos museus do século XVIII. Em outras palavras, espaços de salvaguarda e valorização da cultura do Estado-nação.

Como havia o trabalho com o fato linguístico da mudança da palavra e toda uma expografia que privilegiava as novas tecnologias e linguagens como da vídeo-arte, torna-se patente à intenção de curadores de auxiliar na ressignificação do conceito de

---

<sup>6</sup> Projeto capitaneado pela a Fundação Roberto Marinho e viabilizado pela lei Rouanet. Governo do Estado e Prefeitura do Município à época, 2006, não participaram, no entanto, deram o crivo necessário.

museu. Um texto institucional encontrado no sítio oficial auxilia um pouco mais na investigação sobre os conteúdos veiculados:

O Museu da Língua Portuguesa, dedicado à *valorização e difusão* do nosso idioma (*patrimônio imaterial*), apresenta uma forma expositiva *diferenciada* das demais instituições museológicas do país e do mundo, usando *tecnologia de ponta e recursos interativos* para a apresentação de seus conteúdos. (texto institucional, sítio do MLP, grifos meus).

Esta forma expositiva diferenciada que lança mão de recursos interativos para expor o que deve ser valorizado e difundido, é a manifestação do ideal de museu de língua que possui o autor do argumento geral. Ou seja, de um espaço “não intelectualista” e “capaz de despertar o fascínio”, segundo palavras do próprio autor. Tudo isso, viabilizado por Ralph Appelbaum<sup>7</sup>. Além de suporte, a tecnologia em questão era também linguagem, posto que, ao mostrar os conteúdos (palavras isoladas, imagens e textos) sempre em movimento, sugeria o movimento e a vitalidade da(s) língua(s) e claro, da(s) literatura(s) presentes em seu recorte.

## Da literatura

O MLP tinha em seu primeiro andar (exposições temporárias) o principal espaço de abrigo para as mostras de literatura. Contudo, na área da exposição permanente a literatura possuía também espaço. Antes da investigação nestes espaços cabe, a priori, a questão: o que a instituição MLP chamava de literatura? Souza (1995) é quem aqui dá conceituação necessária para a discussão:

[...] Literatura lato sensu: conjunto da *produção escrita*, objeto dos estudos literários (...) literatura stricto sensu: parte do conjunto da produção escrita e, eventualmente, certas modalidades de composições verbais de *natureza oral* (não escrita), dotadas de propriedades específicas, que basicamente se resumem numa elaboração especial da linguagem e na constituição de universos ficcionais ou imaginários (grifos meus).

Considerando a multiplicidade de abordagens, em um espaço construído por profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, urge observarmos os diversos sentidos empregados à disciplina no interior do MLP.

---

<sup>7</sup> Designer estadunidense especialista na criação de “museus experiência”, conceito que traz em seu bojo uma museografia que se utiliza de recursos tecnológicos avançados para criar situações de interação e de imersão do visitante com o espaço.

No espaço conhecido por “Grande Galeria”<sup>8</sup>, no vídeo intitulado “Músicas”, “literatura” recebera o adjetivo “refinada” no intuito de definir a canção brasileira. “Literatura” também era objeto de discussão em outro espaço da exposição permanente chamado “Beco das Palavras”<sup>9</sup>. O trabalho curatorial em torno desta palavra destoava do trabalho realizado em muitas outras do mesmo espaço: para literatura saltava aos olhos do visitante apenas a palavra latina “littera” (letra), termo ainda intimamente atrelado a uma cultura letrada e relacionada aos atos de ler e escrever. Ou seja, o conceito de literatura lato sensu, ainda tão comum em idos do século XIX dando a “letra” da literatura no MLP.

Ainda no segundo andar, acervo do MLP, a leitura e observação leva a crer que o cenário de literaturas em língua portuguesa era feito de uma literatura brasileira que ia de Caminha a José Paulo Paes. Os critérios podem ser observados em um texto de Alfredo Bosi, anteriormente em exposição na Linha do Tempo a partir do ano de 1500:

O objetivo fundamental foi a inclusão de obras de **autores brasileiros** de nascimento ou adoção, **que, nesta data, 2005, já nos deixaram**, mas permanecem vivos na vida de suas obras, na leitura que delas fazemos e na **memória** que merecem como artistas da **língua portuguesa no Brasil**. (BOSI, 2002).

O texto fala em artistas da língua portuguesa “no” Brasil e não na língua portuguesa “do” Brasil ou do português brasileiro. A preposição empregada no texto o alinha a um discurso de língua do ponto de vista do colonizador e ao mito da unidade linguística. O valor desta constatação reside nas pistas que ela nos dá acerca dos valores e do método presente na musealização da literatura dentro do MLP. Esta pequena linha de literatura brasileira, discreta, figurava no rodapé da linha do tempo e concorria também com outros textos e com imagens e sons do espaço. Curiosamente, uma área ligeiramente maior guardava o referido texto curatorial de Bosi, que já foi alvo de outras observações importantes como esta elaborada por Taddei (2011):

[...] esta Linha do Tempo literária diz respeito ao empenho de Bosi em só conferir a rubrica de musealizável a escritores mortos. Este enfoque, que está longe de ser uma conduta de exceção, não só reforça a noção do senso comum de que museu é lugar de coisas inanimadas – “sem alma, sem vida” – como também permite ao crítico permanecer em sua “zona de conforto”.

---

<sup>8</sup> Tela de mais de cem metros que exibia vídeos com temáticas diferentes e que possuía a intenção de funcionar como um “mosaico” que exibia língua em diversos fazeres. A literatura em seu sentido strictu aparecia diluída em alguns vídeos como “Futebol” e “Música”.

<sup>9</sup> Espaço interativo que consistia em um jogo onde o desafio era formar palavras tendo às mãos prefixos, sufixos e radicais.

Ao divisar apenas autores já falecidos figurando no recorte da linha do tempo, verifica-se uma ideia que vai ao encontro do que alguns visitantes (sobretudo crianças e adolescentes) traziam aos educadores em suas primeiras visitas: a de museus como espaços que abarcam tudo o que é antigo, fossilizado e que não mais tem lugar.

No texto de Bosi parece não haver o comprometimento com a ideia de uma língua que é viva e nem converge com o de uma instituição que resolveu em boa parte de suas instalações desafiar conceitos da museologia tradicional. Ou seja, nem sequer a tecnologia-linguagem referida anteriormente aparece aqui como veículo que pudesse sugerir a vitalidade da literatura brasileira. Em face disso, torna-se importante então colocar o argumento do mesmo Alfredo Bosi em outro trabalho de sua autoria:

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que era o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância, e desse ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia de intuições (BOSI, 2002).

Bosi (2002) aponta o crítico literário como um crítico da cultura e no excerto acima, isto fica latente. Também em seu “Literatura e resistência”, obra cujo título já é revelador das intenções deste trabalho, ele esboça uma salutar discussão acerca dos atos de resistir política e culturalmente por meio do fazer literário. Afirma que a resistência é conceito do campo da ética, mas que pode ser transposto para o campo da estética. Portanto, o autor - que possui na mesma obra um capítulo intitulado “Poesia versus racismo” - teve o ensejo de materializar em sua linha do tempo do MLP uma literatura que não reproduzisse de maneira mecânica o que pertence ao panteão de uma cultura letrada, branca e burguesa. Tal reprodução, todavia, está amparada tanto no senso-comum quanto nos compêndios tradicionais de literatura do século passado.

No terceiro andar do Museu, após a exibição de um vídeo narrado por Fernanda Montenegro, o visitante era convidado a adentrar em uma sala “capaz de despertar o fascínio”, como sentenciou Antônio Risério. “Praça da Língua” foi o nome dado ao ambiente curado por Miguel Wisnik e Arthur Nestrovski.

O espaço, não por acaso, ficou conhecido como “Planetário da Língua”, uma vez que as projeções de poesias ficavam majoritariamente acima das cabeças dos visitantes. Nele, havia três recortes diferentes, onde variavam autores e temas. No entanto, era

mais exibido o recorte em que figuravam autores portugueses e brasileiros. Tal recorte chama atenção por deter uma produção quase que exclusivamente de homens e paulistas; “musos” projetados como astros celestes, como em um verdadeiro planetário. Próximos ainda que distantes.

Narrando as poesias, estavam atores que já emprestaram suas figuras e vozes para as telenovelas da Rede Globo, como Juca de Oliveira e Bete Coelho e outros como Maria Bethânia e Chico Buarque de Holanda. Artistas que, segundo Taddei (2011), cedem suas “vozes reconhecíveis e reconhecidas, que, ao enunciarem os textos selecionados, não deixam de imantá-los com a autoridade e celebridade de suas bem-sucedidas atuações profissionais”.

Se dividido como um todo, vê-se um MLP que tenta se comprometer com a literatura *strictu sensu*. Porém, temos recortes feitos por diversos curadores que, na tentativa de plasmar uma literatura para o público, optaram pelo que já possui lugar há muito. Logo, digno de memória, para as curadorias do MLP, foi principalmente o já consagrado, seja pelos cânones, seja pelos meios de comunicação de massa. A opção, então, foi pela permanência, por uma aquecida zona de conforto e por um discurso que leva-nos novamente a Barbosa (2009), quando sentencia que os museus são feitos pelas elites e para as elites e para reforçar valores desta classe para outras. As tentativas de ir além, como já anunciado, se deram através de trabalhos como o que será descrito na sequência.

### **Com quantas literaturas se faz uma língua?**

Nada há mais original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém, digeri-los. O leão é feito de carneiros assimilados (VALÉRY citado por SANTIAGO, 1978).

O acervo do MLP privilegiou autores brasileiros e portugueses e nem a Lei Nº 11.645/08, que versa sobre a importância do trabalho com histórias e culturas de povos ameríndios e africanos, parece ter sido capaz de despertar uma reflexão para mudanças. É fato que a lei foi promulgada dois anos após a inauguração do espaço, no entanto, optou-se por manter estanques as exposições não alterando nenhum recorte.

É importante considerar alguns fatos acerca da instituição e seu público que justificariam valer-se das discussões propostas pela lei mesmo ela surgindo depois da abertura do museu: O MLP era um espaço que desafiou em muitos aspectos a

museologia conservadora e tradicional. Tencionava falar sobre língua e literatura viva e além do mais, possuía como principal público crianças em idade escolar e professores.

É importante notabilizar que não era facultado ao Núcleo Educativo nenhum tipo de ação que interferisse diretamente na expografia do Museu. Portanto, alterações diretas em espaços como os que aqui foram elencados não eram possíveis. E as ações possíveis, nunca poderiam deixar de ser as que de alguma maneira dialogassem com os temas já eleitos pelo MLP.

Contudo, o Núcleo Educativo foi agregando com o passar do tempo práticas de pesquisa e de ações artístico-culturais que resultaram na possibilidade de realizar atividades também no âmbito de instalações temporárias pensadas pelo Núcleo Educativo e executadas em parceria com outros setores. Tornou-se possível, assim, abrir as portas do MLP para literaturas que nunca visitaram o espaço das exposições temporárias e que ficaram de fora do que a instituição chamou de acervo.

O caminho escolhido para a prática foi o da Pedagogia da Pergunta, proposta por Freire (2014), já que ela versa sobre uma práxis que leva sempre em conta a alteridade como caminho para a aprendizagem. Foi também o da transposição de resistência de seu sentido ético para o estético e a ideia de museu como espaço de experimentação ou laboratório (BARBOSA, 2004).

Assim, um lugar ainda bem próximo da “Grande Galeria” com seus áudios e imagens da teledramaturgia, recebeu uma pequena instalação que consistia de uma projeção com trechos de autores africanos e afro-brasileiros selecionados e narrados pelos próprios educadores, e não por vozes facilmente reconhecíveis que pudessem forçar uma legitimação e atrair mais atenção do que o texto em si. Portanto, com a instalação, o Educativo estava se alimentando e digerindo a linguagem capaz de sugerir movimento.

A atividade/instalação era uma proposta de apresentação e evidencição de autores de contextos ainda marginalizados tendo como um ponto de partida autores brasileiros já conhecidos e consagrados em livros didáticos de literatura e no chamado acervo, como Cruz e Souza e Machado de Assis. Portanto, um trabalho de Literatura Comparada<sup>10</sup>.

Ondjaki, Pepetela, Carolina de Jesus, Maria Firmina dos Reis e José Craveirinha foram alguns dos contemplados no recorte. Nas discussões propostas pelos

---

<sup>10</sup> Trabalho em torno de relações de contato entre obras e literaturas diversas, de acordo com SOETHE (2009).



profissionais do Núcleo, também existia um convite a uma breve experiência de leitura<sup>11</sup> com a desmistificação da noção de primitivismo e barbárie que circunda africanos e afro-brasileiros. No caso de autores africanos, havia o convite para reflexões acerca de proximidades histórico-culturais com o Brasil, ressaltando a importância que determinados autores brasileiros, a saber, Jorge Amado e o próprio Cruz e Souza, tiveram para a construção de algumas das literaturas africanas ao largo do século XX.

Como as instalações e atividades desenvolvidas pelo Núcleo se davam no espaço considerado como acervo, havia toda uma possibilidade de diálogo com os visitantes tendo como base também aspectos de culturas de matriz africana já contempladas em outras áreas, a saber as “Palavras Cruzadas”<sup>12</sup>, onde não havia qualquer vínculo das palavras elencadas com textos literários.

Com quantas literaturas mais podem ser feitas uma língua? Esta era uma outra pergunta que, mesmo quando não era verbalizada, era orientadora para as reflexões.

### **Considerações finais**

O MLP ao longo de sua história de dez anos constitui-se um importante espaço de discussão com as ações de educadores que partiam de seu acervo para propor atividades e instalações temporárias que dialogassem com o acervo e também que o expandissem.

As palavras também têm memória. É uma atriz da TV Globo quem enunciava isto num dos vídeos presentes no que era considerado acervo, mais especificamente na “Grande Galeria”. O discurso desta afirmativa fazia-se presente também nas várias áreas expositivas do Museu, saudando contributos de língua portuguesa já consagrados e sacralizados tanto nos meios de comunicação, quanto por parte do meio acadêmico onde ela é discussão. Não obstante a tentativa de inovar-se e modernizar-se, o Museu da Língua Portuguesa reproduzia, em grande medida, o cânone ou as teorias mais correntes sobre literatura. Via-se, então, um acervo que permanecia dentro de limites corriqueiros de discussão. No entanto, apresentou-se aos educadores a possibilidade de propor e enfatizar outros possíveis debates.

---

<sup>11</sup> Tomo aqui por leitura, a relação com textos escritos como ato político que visa a reflexão e a transformação (SILVA, 2011).

<sup>12</sup> Também chamado de “Lanternas das influências”. Espaço onde o signo ideológico que mais saltava aos olhos era o das palavras com suas (possíveis) origens e significados ao longo dos tempos.

A pergunta central que conduziu as intervenções e esse texto provou ser eficaz na garantia de uma presença política de educadores, curadores e visitantes no Museu. Assim, “Com quantas literaturas se faz uma língua” tornou-se mais do que uma discussão sobre língua portuguesa ou literatura. Mas, sobre os limites e as possibilidades que textos, literaturas e museus podem representar.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e a filosofia da linguagem*. 16.ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2009.
- BARBOSA, A. M. *Arte educação como mediação cultural e social*. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Arte-educação em um museu de arte*. Revista USP. 1.ed. São Paulo: Edusp, 1989. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/02/18-anamae.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2016.
- \_\_\_\_\_. *Museus como laboratórios*. Revista online Museu. Disponível em [http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=3733](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=3733). Acesso em: 17 jan. 2016.
- BOSI, A. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Texto expositivo na Linha do Tempo do MLP*. São Paulo: 2005. Disponível também em [http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_18.pdf](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_18.pdf). Acesso em: 19 jan. 2016.
- BRASIL. *Lei nº 11.645/08, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 18 jan. 2016.
- DUARTE, A. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda Inovadora. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG*, v. 6, n.1, p.99-117, 2013. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/248/239>. Acesso em: 11 jan. 2016.
- ENTREVISTA de Antônio Risério, concedida à Terra Magazine em 14 de novembro de 2011. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5469083-EI6608,00.html>. Acesso em: 19 jan. 2016.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2004.
- FREIRE, P. *Por uma pedagogia da pergunta*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ICOM. *Definições*. Disponível em: [http://www.icom-portugal.org/documentos\\_def,129,161,lista.aspx](http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx). Acesso em: 12 jan. 2016.

MENESES, U. T. B. *Museu não é só para divertir*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/016918.shtml>. Acesso em: 04 jan. 2016.

MLP – Museu da Língua Portuguesa. *Institucional*. Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/institucional.php>. Acesso em: 05 jan. 2016.

NESTROVSKI, A.; WISNIK, J. M. *Sobre a Praça da Língua*. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011\\_1819.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_1819.pdf). Acesso em: 07 jan. 2016.

TADDEI, A. M. S. M.. A literatura musealizada: o caso do Museu da Língua Portuguesa. In: XIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA/III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2011. *Anais...* Uberlândia - MG: EDUFU, 2011.

SANTIAGO, S. O Entre-lugar do Discurso Latino-Americano. In: *Uma Literatura nos Trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SILVA, E. T. *O ato de ler – Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da Leitura*. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOETHE, P. A. *Literatura Comparada*. Curitiba: IESDE, 2009.

SOUZA, R. A. *Teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 1995.